

FORMAÇÃO EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL: REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

CAMILA SANDIM DE CASTRO
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
camila_sandim@yahoo.com.br

MAIA, A. F.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. N. (Orgs.). **Teoria Crítica da cultura digital: aspectos educacionais e psicológicos**. 1. ed. São Paulo: Nankin, 2015. 224p.

O aporte teórico da Teoria Crítica da Sociedade tem instigado a busca pela compreensão do desenvolvimento histórico e cultural, permitindo, deste modo, um entendimento crítico acerca do processo formativo hodierno, mediado pelas tecnologias digitais. Nesses termos, as edições do “Congresso Internacional de Teoria Crítica” no Brasil vêm se constituindo como um espaço extremamente profícuo para fomentar discussões em torno da educação brasileira contemporânea. A obra “Teoria Crítica da cultura digital: aspectos educacionais e psicológicos”, organizada por Ari F. Maia, Antônio A. S. Zuin e Luiz A. N. Lastória, recém-publicada pela Editora Nankin, origina-se nesse contexto de debate político-filosófico sobre os desafios de se educar na sociedade digital; temática que foi discutida em conferências apresentadas na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araquara, durante o “VIII Congresso Internacional de Teoria Crítica: desafios na era digital” realizado em 2012.

Sendo assim, no primeiro artigo “Formação humana na sociedade digital”, Cláudio A. Dalbosco aborda o conceito de educação iluminista, pensado por Rousseau e Kant como um “processo constituído por conflitos”, para então analisar a formação na cultura digital. O autor, ao explicitar o caráter ambíguo das tecnologias, afirma que a formação na sociedade digital tem necessidade de considerar o conflito existente entre velhas e novas gerações, ou seja, a tradição deve possibilitar uma abertura ao novo buscando ouvi-lo, enquanto as novas gerações precisam compreender a importância do saber construído ao longo do tempo. Já Divino José da Silva, em “Ética, educação e vida administrada”, discute a formação ética em meio à soberania da razão instrumental que caracteriza a sociedade administrada. Ao analisar a superioridade do saber técnico-científico a respeito das esferas da vida a partir de Adorno e Arendt, assevera que a valorização da técnica faz que o tempo de trabalho e o tempo de mercado prevaleçam sobre os momentos formativos proporcionados pela experiência. Tal valorização tem dificultado a formação ética, transformando os indivíduos em seres que vão perdendo progressivamente a capacidade de pensar, sentir e julgar.

No terceiro artigo, “Os tabus acerca da docência na sociedade excitada”, Luciana A. Rodrigues e Márcio N. Farias revitalizam a discussão adorniana a respeito dos processos subjetivos presentes na aversão ao magistério por meio de uma análise acerca da expan-

são das universidades públicas brasileiras. Os autores explicam que, no contexto dessa expansão, os universitários têm expressado sua repulsa pelo ato de ensinar por meio das “reclamações” em relação à licenciatura e do “silenciamento” dos cursistas a distância sobre o próprio curso. Assim, a elaboração dos aspectos subjetivos presentes na aversão pelo magistério não tem se realizado, pois se perpetua “os tabus acerca da docência” em prol do crescimento quantitativo das universidades federais. Por sua vez, em “Reflexões sobre a presença das TICs no ensino público fundamental brasileiro”, Nilce Maria A. S. de Arruda discorre sobre os efeitos das tecnologias da informação e da comunicação no processo educativo brasileiro, especificamente, no ensino fundamental. A autora esclarece que a inserção das TICs no espaço escolar tem promovido a desqualificação da formação a favor dos interesses neoliberais. Até mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais, que fortaleceram a inserção das tecnologias digitais no âmbito escolar, têm promovido o distanciamento de professores e alunos de uma formação autônoma e estética, ao contribuir para a transformação da educação em mercadoria.

No quinto artigo “Criadores de imagens: do reconhecimento visual à comunicação visual através da pintura renascentista e pós-renascentista”, Andreas Gruschka analisa as fotografias digitais e as imagens provenientes do trabalho artístico de pintores renascentistas e pós-renascentistas, para pensar o enfraquecimento da experiência. Gruschka esclarece que a fotografia digital promove a “fixação visual da experiência” alterando a forma como o indivíduo se atém visualmente. Por sua vez, as pinturas analisadas promovem a formação estética do artista com o objeto, assim, tal artista se forma nas e com as imagens que produz. Desse modo, o autor ressalta a importância de uma “alfabetização para a percepção visual”, principalmente, porque os indivíduos se preocupam mais em registrar aquilo que foi vivido do que verdadeiramente experienciar algo. Já Margarita Rosa Sgró analisa, em “Educación y democratización en la era de la cultura digital”, a distribuição de tecnologias digitais na rede pública de ensino argentina, para discutir o processo educativo enredado à cultura digital e à democratização. A educação a serviço da inclusão social tem se fortalecido pela aplicação da Lei da Educação Nacional de 2006, que busca integrar socialmente as classes sociais mais humildes através da distribuição de *neetbooks* a professores e alunos. Contudo, a autora afirma que as tecnologias digitais não conseguem resolver os problemas educacionais nem podem ser pensadas como substitutas dos docentes e do diálogo entre os agentes educacionais, pois elas não dão conta por si só da aprendizagem dos alunos nem da construção da capacidade de pensarem criticamente.

Rita Amélia T. Vilela, em “O domínio dos mecanismos da indústria cultural na sala de aula e o bloqueio da experiência formativa”, discute, a partir de pesquisa empírica, as dificuldades colocadas pelo trabalho pedagógico em sala de aula à realização da formação cultural defendida por Adorno. Na pesquisa desenvolvida, observou-se que a semiformação predomina sobre a experiência formativa, e, desse modo, tem-se negado aos alunos o conhecimento como um direito. Assim, a sala de aula analisada não tem proporcionado aos discentes a possibilidade de se emanciparem, de construir um pensamento crítico e autônomo e de se inserirem na realidade social, buscando transformá-la. Em “Educação

musical, repertório e emancipação no contexto da indústria cultural”, Monique A. Nogueira, a partir das análises de Adorno sobre os tipos de comportamento musical, tece considerações a respeito dos critérios de seleção de músicas nas escolas brasileiras. Para a autora, os professores nesse processo de seleção escolhem canções massificadas e/ou músicas que valorizam a cultura local de seus alunos. Contudo, Nogueira ressalta a importância de selecionar um repertório musical considerando sua potencialidade formativa, a medida que, como saber sensível, pode aproximar professores e alunos do entendimento de que apreciar música é um ato intelectual.

No nono artigo “Teoria Crítica e educação na formação do publicitário: reflexões à luz da Teoria Crítica da Sociedade”, Christine B. Betty investiga a formação do profissional de propaganda, evidenciando as contradições presentes em seu processo formativo. Ao discorrer acerca do caráter ambíguo da técnica, cujas análises pautam-se nas discussões de Adorno e Marcuse, a autora analisa a publicidade e a propaganda como técnicas de comunicação que estão a serviço tanto da emancipação quanto do conformismo. Dessa maneira, o processo formativo do publicitário é marcado pela contradição que se expressa na racionalidade técnica, que insere socialmente o indivíduo na realidade existente e na racionalidade crítica responsável pela construção de sua autonomia. Já em “Experiência do pensamento: revisitando o tema da educação em Theodor W. Adorno”, Franciele B. Petry e Alexandre F. Vaz analisam, através de escritos filosófico-educacionais adornianos, aspectos relativos à consciência capaz de se contrapor ao espírito reificado. Mesmo com o enfraquecimento da experiência na contemporaneidade e, com isso, a produção das consciências reificadas, os autores acreditam que o exercício do pensamento ainda é possível, permitindo, desse modo, e como acreditava Adorno, a reconciliação. Tal exercício deve acontecer por meio da Filosofia já que ela permite ao indivíduo estabelecer uma relação crítica e dialética com os objetos, buscando entendê-los em sua complexidade e, dessa forma, estimulando a construção de uma “consciência verdadeira”.

Em “Educação e fetichismo no contexto do mercado sacralizado”, Carlos Betlinski analisa a relação entre fetichismo e o modo como o processo formativo contemporâneo tem acontecido em tempos de mercadorização da educação. O autor esclarece que o processo formativo na contemporaneidade deixa de ser entendido como “construção estética de si” para assumir um caráter instrumental, deformativo. Contra o processo de fetichização da educação escolar, o autor aponta a formação, baseada na contradição e na resistência, concebida por Adorno e, aquela, como processo de (des)construção das “aparências estéticas” que permitem o devir, tal como entendida por Nietzsche. No décimo segundo artigo “Indústria cultural e digitalização da informação: mudanças de plataformas em redes de racionalidade técnica”, Belarmino C. G. da Costa discute como os produtos tecnológicos e sua utilização acrítica vêm alterando as diferentes dimensões da vida, especialmente, o processo formativo. O autor explica que o avanço tecnológico, ao excitar cotidianamente os sentidos humanos, produz uma “apatia” na consciência dos indivíduos, tornando-os incapazes de formular juízos sobre a onipresença da racionalidade técnica em suas próprias vidas. Diante desse entendimento, ressalta a necessidade de atualizar o conceito de

indústria cultural, a fim de refletir acerca das consequências das tecnologias digitais para a formação humana.

Em “Trauma e repetição em Christoph Türcke e Sándor Ferenczi”, Jô Gondar discorre acerca das aproximações e distanciamentos, observados nas teorias de Ferenczi e Türcke, sobre a compulsão à repetição traumática, como responsável pelo desenvolvimento da espécie humana. Para a autora, Türcke explica que o pensamento tem suas origens no sonho e que a compulsão à repetição é criadora da cultura. Ferenczi entende o sonho como tentativa de cessar o trauma e, assim como Türcke, acredita que a compulsão à repetição explica o aprimoramento psíquico humano. Contudo, Gondar esclarece que as teorias de Ferenczi e Türcke apresentam distinções importantes, pois enquanto o primeiro foi um clínico que esteve preocupado em amenizar o sofrimento humano, Türcke, como filósofo, busca compreender criticamente a sociedade de seu tempo. Luiz Antônio C. N. Lastória, em “A teoria freudiana do trauma: apropriações para a crítica do desenvolvimento tecnológico”, também discute o conceito freudiano de trauma esclarecendo como ele aparece na teoria de Horkheimer e Adorno sobre o esclarecimento e nas atuais discussões filosóficas de Türcke acerca da sociedade excitada. O autor expõe os conceitos de trauma e compulsão à repetição para explicar que o processo de esclarecimento e sua conversão em mito, pensado por Horkheimer e Adorno, tem uma “inspiração psicanalítica”. Posteriormente, dialoga com Türcke a fim de refletir sobre o desenvolvimento tecnológico presente na fotografia, na produção e no consumo de imagens que expropriam do indivíduo a capacidade de atenção e reflexão, tornando-o um autômato das máquinas.

No penúltimo artigo, “Fascismo e narcisismo na era digital”, Sinésio F. Bueno traz pertinentes considerações acerca do narcisismo na sociedade digital como um elemento desencadeador de atitudes fascistas. O autor esclarece que Adorno, Horkheimer, Marcuse e Arendt enfatizaram a importância da autoridade no processo de formação dos indivíduos para a construção da autonomia e criticidade. Contudo, a crise da autoridade tem gerado uma busca por um “pai imaginário”, ou seja, a “cultura do narcisismo”, intensificada pelas redes sociais que favorecem a fabricação de “imagens especulares e fantasiosas da realidade”, que, fracassadas, contribuem para o enfraquecimento da formação ao mesmo tempo em que incita reações agressivas. Por fim, em “A indústria cultural, a semiformação e a revolução microeletrônica”, Vânia G. Zuin e Antônio A. S. Zuin revitalizam os conceitos de indústria cultural e semiformação para pensar como a distração concentrada contribui para o enfraquecimento da memória humana. Os autores afirmam que o consumo acrítico das tecnologias digitais vem transformando a experiência formativa em distração concentrada, processo que contribui para o enfraquecimento da memória humana e para a constituição de uma memória digital. Dessa maneira, acenam para a necessidade apontada por Adorno de educar os docentes para que possam estimular seus alunos a refletirem criticamente a respeito dos seus próprios processos formativos.

A reflexão crítica sobre a formação humana na contemporaneidade presente nos dezesseis artigos que compõem o livro “Teoria Crítica da cultura digital”, incita o exercício do pensamento e corrobora a importância da formação cultural que foi tão defendida pelos

teóricos culturais da chamada “Escola de Frankfurt”. Assim, para aqueles que pretendem compreender criticamente o processo formativo hodierno, essa obra torna-se uma instigante fonte de leitura e reflexão, principalmente, porque entende que “[...] o pensamento não deve perder o elemento de reflexão sobre si mesmo”, tal como foi debatido por Horkheimer e Adorno, na “Dialética do esclarecimento”.